

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS- CESP  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**NELSON ALVES PEREIRA NETO**

**RELAÇÃO RURAL E URBANO ENTRE AS COMUNIDADES SÃO PAULO, NOVA  
ESPERANÇA, PRATINHA E A CIDADE DE JURUTI-PÁ**

**Parintins- AM**

**2018**

**NELSON ALVES PEREIRA NETO**

**RELAÇÃO RURAL E URBANO ENTRE AS COMUNIDADES SÃO PAULO, NOVA  
ESPERANÇA, PRATINHA E A CIDADE DE JURUTI-PÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**Orientadora: Dr<sup>a</sup>: Charlene Maria Muniz da Silva.**

**Parintins- AM**

**2018**

*Dedico esse trabalho primeiramente a minha família pelo apoio incondicional, sem o qual não teria conseguido chegar até este momento de minha vida. Aos meus pais e irmãos que me apoiaram desde o início desta caminhada, me motivando e dando coragem a prosseguir mesmo com todas as adversidades. A Gisele por dividir comigo as angústias e alegrias desta jornada. Dedico esta vitória a vocês.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus pela vida, por ter me dado a oportunidade de vivenciar cada etapa da vida acadêmica. Pela força nos momentos de desespero e amparo nos momentos de tristeza e angústias. Obrigado Senhor JESUS CRISTO pois até aqui tens me abençoado, com sabedoria, discernimento, conhecimento e vida.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram, me incentivando a continuar nas horas difíceis. Aos meus pais, Marivaldo e Milene que não mediram esforços para me ajudar desde os primeiros anos da escola infantil, sempre me auxiliando, se dedicando na minha educação, os valores adquiridos e caráter de me repassaram, sempre sendo humilde, e acreditaram na minha capacidade.

Ao meu irmão Neymar Costa, que tem um coração enorme e sempre me ajudou dando conselhos e sempre se dispôs a me ajudar mesmo distante. Aos tios que ganhei, Ruth Mirian e Daniel costa, que são pessoas extraordinárias, de uma humildade sem final e que me acolheram em sua residência como um filho.

Ao meu amor Gisele Lopes pelo carinho e paciência. Em muitos momentos me segurou e me incentivou a prosseguir e a conseguir finalizar este trabalho. Foi muito importante ter te conhecido nessa etapa da minha vida pois você somou na minha vida.

Aos moradores das comunidades São Paulo, Nova Esperança e Pratinha pela disponibilidade de ceder um pouco de seu tempo para as entrevistas. Foram pessoas bastantes gentis e educadas.

A minha professora orientadora Charlene Muniz por ter aceitado a me orientar. Sem suas dicas, correções e contribuições não conseguiria finalizar esta pesquisa.

Meu muito obrigado a todos que participaram de forma direta e indireta para a realização desta monografia.

## RESUMO

Este trabalho buscou compreender a relação rural-urbano, para isso nosso objetivo foi analisar as interações socioeconômicas e culturais existentes entre as comunidades São Paulo, Nova Esperança e Pratinha e a cidade de Juruti – PÁ, afim de podermos entender as relações existentes e interdependências entre essas localidades. A pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa e como técnicas de coleta de dados foi feito aplicação de formulários, entrevistas abertas e fechadas. Os dados obtidos dos formulários foram tabulados em programa estatístico Excel. Fez-se importante esta pesquisa uma vez que verificou-se a existência de uma imbricação entre as comunidades e a cidade onde a relação rural-urbana fica evidente em muitas características encontradas nestes lugares. Esses laços solidificam-se e se apresentam em áreas rurais e em áreas urbanas, sendo desenvolvida tanto pelo fator econômico quanto pelo aspecto social. A cidade de Juruti exerce forte influência e de certa forma causa uma dependência dos serviços urbanos encontrados ali, pois a circulação dos comunitários faz-se diariamente tanto a procura de educação, saúde, entre outros. Podemos dizer que a relação rural-urbana entre essas localidades está diversificando o modo de vida das comunidades rurais, onde as tecnologias entram de forma bastante significativa na vida dessas pessoas, com objetos como celulares, televisões, geladeiras, rádios, aparelhos de som etc., que vão moldando o modo de falar, de agir, de pensar dessa população. Mas não podemos deixar de compreender que essas novas formas urbanas não estão substituindo os valores rurais e seus modos de vida. O que presenciamos foi uma nova ressignificação de valores sociais e culturais com outras práticas, que dão o tom do dinamismo das relações encontradas entres as comunidades e a cidade de Juruti-PA.

Palavras-chave: Rural e Urbano; Ruralidades e Urbanidades; Relação Rural-Urbano.

## **ABSTRACT**

This work sought to understand the relationships rural-urban, for this, our objective was to analyze the socioeconomic and cultural interactions existing between the communities of São Paulo, Nova Esperança and Pratinha and the city of Juruti - PA, in order to understand the existing and interdependencies relations between these localities. The research is characterized as qualitative and quantitative and, as techniques of data collection was done application of questionnaires, open and closed interviews. The data obtained from the forms were tabulated in a statistical program, Excel. This research was important since there turned out the existence of an imbrication between the communities and the city where the rural-urban relationship is evident in many characteristics found in these places. These bonds solidify and present themselves in rural areas and in urban areas, being developed by the economic factor and by the social aspect. The city of Juruti exerts a strong influence and in a way causes a dependence of the urban services found there, since the circulation of the community is made daily, so much the search of education, health, among others. We can say that the rural-urban relationship between these localities is diversifying the lifestyle of rural communities, where the technologies enter quite meaningfully in the lives of these people, with objects such as cell phones, televisions, refrigerators, radios, stereos, etc., that shape the way people speak, act, and think of this population. But we can't let of to understand that these new urban forms aren't replacing their rural values and their ways of life. What we witnessed was a new re-signification of social and cultural values with other practices, that give the tone of the dynamism of the relations found between the communities and the city of Juruti-PA.

**Key-words:** Rural and Urban; Ruralities and Urbanities; Rural-Urban Relation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Mapa de localização das comunidades.....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 2 - Visão aproximada da Cidade e Comunidades.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 3 – Frente da cidade de Juruti.....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 4 – Rodovia P-257.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 5 – Escola de Ens. Fundamental Amauri da Silva Moraes e Casulo São Paulo .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 6 – Igreja do Santo Padroeiro São Paulo.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 7 – Sede e Igreja do Padroeiro São Francisco .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 8 – Sede e Igreja da Padroeira Santana.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 9 – Ocupação/Renda .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 10 – Principal Atividade Econômica .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 11 – Transporte utilizado pelos moradores das comunidades .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 12 – Grau de instrução educacional .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 13 – Renda Familiar.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 14 – Telefonia e abastecimento de água .....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 15 – Motivos ou necessidades para ire a cidade.....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 16 – As festas de santo possuem semelhança com a festa da Padroeira da cidade.....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 17 – As festas Juninas possuem semelhança com as da cidade .....</b>	<b>44</b>
<b>Figura 18 – Formas de Lazer .....</b>	<b>45</b>

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1 - Produtos eletrônicos nas comunidades.....</b>	<b>40</b>
<b>Tabela 2 - Investimentos para melhoria da qualidade de vida .....</b>	<b>42</b>
<b>Tabela 3 - Formas de Lazer .....</b>	<b>46</b>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES SOBRE RURAL E URBANO .....	13
1.1 RELAÇÃO RURAL URBANO: REFLEXÕES PARA UM DEBATE.....	16
1.2 URBANIDADES E RURALIDADES.....	19
CAPÍTULO 2: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....	23
2.1 O MUNICÍPIO DE JURUTI .....	25
2.2 COMUNIDADES SÃO PAULO, NOVA ESPERANÇA E PRATINHA: ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DAS COMUNIDADES.....	28
2.3 COMUNIDADE SÃO PAULO .....	29
2.4 COMUNIDADE PRATINHA.....	32
2.5 COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA.....	34
CAPÍTULO 3: REDES DE FLUXOS ECONÔMICOS ENTRE AS COMUNIDADES E A CIDADE DE JURUTI-PA.....	36
3.1 A CIRCULARIDADE ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL ENTRE O RURAL E URBANO EM JURUTI.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	49

## INTRODUÇÃO

O debate sobre a relação rural/urbano, campo/cidade tornou-se mais evidente nos últimos anos com o advento da industrialização e o período técnico-científico-informacional da segunda metade do século XX, uma vez que o capitalismo trouxe desenvolvimento para o campo e a modernização da agricultura.

Porém essa modernização não se deu de forma homogênea em todo território nacional, o que acabou acarretando uma certa discriminação entre grandes proprietários (latifundiários) e o pequeno agricultor que carece de investimentos em sua produção.

Contudo os espaços rurais sentiram uma intensificação de aparatos tecnológicos nos últimos anos imprimindo uma nova dinâmica intensificada pelos meios de comunicação, fluxo de transportes e mercadorias que integraram os espaços rurais e urbanos.

Pretende-se neste trabalho abordar a relação rural e urbano no município de Juruti-PA, e para isso delimitou-se a área de estudo para podermos ter uma dimensão mais detalhada da área focal. Trataremos da dinâmica da relação rural e urbano entre as Comunidades São Paulo, Nova Esperança e Pratinha e a cidade de Juruti - PÁ, relacionando os fatores econômicos, sociais e culturais e assim fazer uma análise mais precisa do conteúdo relacional do objeto de estudo.

Buscou-se analisar as interações socioeconômicas e culturais existentes entre as comunidades e a cidade de Juruti-PA. No entanto fez-se necessário identificar o perfil socioeconômico das comunidades, de onde provém a principal renda e como se mantêm para podermos apontar quais são os principais fatores que levam os comunitários a se deslocarem para a Cidade. Esse deslocamento trouxe consequências tanto na vida dos residentes das comunidades como dos moradores da Cidade.

Esse movimento para a cidade indica uma relação de interdependência desses moradores em relação a Cidade e com isso sofrem influências culturais que caracteriza uma transferência de modos de vida entre as comunidades e a Cidade. Essa circularidade desenvolve-se também nas redes de fluxos econômicos que dinamiza as relações comerciais destas áreas.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizou-se neste trabalho dados baseados principalmente na coleta de informações primárias; o método é o dialético para ir em busca da relação de reciprocidade entre as áreas de estudo; as técnicas de pesquisa foram a coleta de dados realizada por meio de aplicação de questionários socioeconômico, e entrevistas abertas e fechadas com comunitários e líderes das Comunidades. Também foi feita gravação de áudio e registro em fotografias. As tabulações dos dados coletados foram feitas no programa estatístico Microsoft Excel.

Observação *in lócu* e conversas informais com moradores de cada comunidade foram muito importantes pois embasaram nosso estudo e de forma bastante rica demonstraram seus desejos e anseios em um território que devido sua proximidade com a Cidade, contendo relações intrínsecas com o urbano, ainda guarda traços culturais típicos de povoados rurais em meio a um século cercado por transformações físicas e modos de vida urbana que as sociedades estão sujeitas.

Assim as transformações que ocorrem no campo não deixam de se manifestar nessas Comunidades em que suas características implícitas do meio rural estão de certa forma sendo modificadas, onde a adaptação aos objetos e estilos de vida urbanos amplia ainda mais a necessidade de investigação e planejamento no desenvolvimento do setor agrícola e na vida dos moradores dessas localidades.

Esta pesquisa está organizada em três capítulos, quais sejam: o primeiro capítulo, definições sobre rural e urbano, que versa sobre algumas definições, conceitos e especificidades do rural e do urbano, baseados em obras de autores como Marques (2002), IBGE Censo Demográfico (2000), que discorrem sobre algumas definição e limites do urbano e rural, dentre outros autores citados durante o texto; usamos também neste capítulo, Carlos (2007) e Corrêa (2003), discorrem sobre o urbano e suas características além de outros que vão nos embasar durante o trabalho.

O segundo capítulo discorre sobre a caracterização da área de estudo, no qual trataremos do histórico de formação das comunidades, seus aspectos geográficos, socioeconômicos e culturais, assim como sua relação com a cidade de Juruti-PA. O terceiro e último capítulo, trataremos da questão das redes de fluxos econômicos entre as comunidades e a cidade de Juruti-PA, apresentando a análise dos dados dos formulários socioeconômicos das comunidades e da relação entre

estes e a Cidade. Para embasarmos a temática das redes de fluxos nos alicerçamos em Santos (2006) que retrata muito bem essa temática em seu trabalho “A natureza do Espaço”.

Neste capítulo foram identificadas as principais redes de fluxos, assim como a circularidades sociais, comerciais e culturais envolvidos nesses dois espaços, os recursos que os camponeses buscam na cidade e como esta disponibiliza de estruturas para atrair a vinda dessas populações a desfrutarem dos atrativos urbanos da cidade.

Assim esta pesquisa será de grande importância, pois descreverá a realidade local; como a relação com a cidade se torna bastante importante e a reciprocidade é significativa para ambos locais e disporá questões para a melhoria de vida, saúde, educação, seus desejos e anseios, para que possam viver com dignidade não precisando abandonar sua moradia em busca de uma vida cheia de perspectiva, muitas vezes não realizada na cidade.

## CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES SOBRE RURAL E URBANO

Classificar um espaço em rural e urbano é importante para identificar dois tipos diferentes de produção e organização do espaço (CRUZ 2017, p. 13). Esses dois espaços tão dinâmicos e complexos vivenciaram e vivenciam diferentes formas de mudanças durante sua história, e em seu percurso de grandes transformações diversos teóricos tentaram conceituar tal espaço.

Neste trabalho tentaremos de forma mais clara possível discorrer os conceitos e especificidades do rural e do urbano que alguns autores de diversas áreas do conhecimento fizeram em suas análises, para ter o esclarecimento de tais espaços que sofreram mudanças e ainda sofrem por serem espaços dinâmicos e instáveis.

Segundo Marques (2002), encontram-se muitas divergências para se definir o rural. Tais divergências devem-se pelo fato desses espaços conterem diferentes realidades no espaço e no tempo e até “influências de caráter político-ideológico” para atenderem os objetivos dessas diversas definições. O rural é frequentemente definido juntamente com o urbano, partindo daí suas diferenciações e definições.

Essas mesmas diferenciações foram tratadas por muito tempo como sendo o rural um lugar atrasado e o urbano como lugar avançado. Hoje estes espaços são tratados como espaços diferentes, porém ricos em possibilidades, cada um à sua maneira.

Sobre a divisão territorial do Brasil em urbano e rural,

A localização do domicílio, a situação é urbana ou rural, conforme definido por lei municipal em vigor em 1º de agosto de 2000. Em situação urbana consideram-se as áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange toda área situada fora desses limites, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos. Este critério é também utilizado na classificação da população urbana e rural. (IBGE, Censo Demográfico, 2000).

Essa classificação pode por vezes não condizer com a realidade, uma vez que o processo de transformação é constante. [...] as transformações econômicas e sociais alteram profundamente a configuração espacial dos municípios sem que a legislação consiga acompanhar em tempo hábil as novas estruturas territoriais [...] (IBGE 2017, p. 04). Na verdade, a legislação não consegue acompanhar nem as novas estruturas territoriais, nem o processo de distribuição espacial das populações

e das atividades econômicas, o que dificulta a definição territorial do que seja rural e urbano.

De acordo com Siqueira e Osório (2011, p. 73) “a base do conceito do que é o rural, é a dimensão econômica”. Devido a isso se caracterizando por um determinado tipo de atividade que são a produção de alimentos através da criação de plantas e de animais. A esta atividade econômica, vinculam-se os traços característicos do rural, como a diferença ambiental, sendo no rural o contato mais direto com a natureza, e a própria atividade econômica que lhe é peculiar é realizada ao ar livre.

Bagli (2006 p. 84) em sua análise sobre o rural, reporta-nos ao modo como as pessoas constroem seu cotidiano no campo de forma intrínseca com a natureza e lidam com o tempo natural que cadênciava o dia-dia dos trabalhadores no decorrer de suas vidas,

“No rural as relações cotidianas são construídas sobre um tempo mais ligado a uma lógica territorial que se consolida por meio da intensa relação com a natureza. Hábitos e costumes seguem uma cadência diferenciada, na qual as transformações estão atreladas às possibilidades apresentadas pela natureza. O tempo também é movimento, mas um movimento nem tão perceptível aparentemente. Existem outros tempos, outros horários. As pessoas estão imbuídas por uma outra lógica. Temporalidades diferenciadas: do plantio, da colheita, da poda, da entressafra. Horários que seguem outras rotinas e normas, portanto, que expressam um outro modo de vida”.

Essas características dos povos que vivem no campo estão ligadas diretamente com a natureza e além disso contêm grande diversidade social, cultural e natural. A grande diversidade social de nosso campo se associa à sua diversidade natural, o que se reflete na complexidade de sua problemática social e ambiental, ao mesmo tempo em que representa um imenso potencial para o seu desenvolvimento. (MARQUES 2002, p. 97).

Desenvolvimento este que está relacionado com as técnicas e indústrias vindas do urbano que se encontram nas cidades e adentram no meio rural. As características antes rudimentares do rural vão se adaptando com as tecnologias que adentraram no campo. O urbano com seu padrão de produção acelerado para dispor para uma sociedade de consumo, transforma os meios de produção que se realizavam no campo.

Nos últimos anos fez-se sentir uma transformação nos modos de produção agrícola, que está se moldando ao padrão de produção industrial do urbano. Assim sendo, Bagli (2006) discorre que no urbano tudo é transitório, constantemente sentido e presenciado, pois, as mudanças são visualizadas a todo instante. O seu processo de produção e reprodução, passa por constantes renovações e transformações, casas e prédios construídos e destruídos, nas ruas e avenidas traçadas e alargadas, no fluxo das pessoas e automóveis, nas lojas as mercadorias vendidas, enfim, no universo de coisas que surgem incessantemente.

Diante disso sentisse que esse processo de transformação está ocorrendo de forma bastante intensivo no espaço rural ficando sua organização de acordo com aspectos do espaço urbano. Corrêa (2003) discorre em seu trabalho sobre o “espaço urbano” e faz uma análise sobre essa questão de como se organiza esse espaço, “mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável”. Essas relações estabelecem dinâmicas tanto de fluxo de pessoas como de materiais que se entrelaçam no espaço urbano,

Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. (CORRÊA 2003, p. 9).

Concordamos com o autor supracitado, pois os objetos postos no espaço urbano se conectam e se articulam através de fluxos de veículos assim como de pessoas. Bagli (2006) nos auxiliando nesse sentido fala que o cotidiano urbano é construído sobre um tempo mecânico onde as pessoas se utilizam do tempo em uma velocidade de mobilidade excessiva dos processos de produção, circulação, troca e consumo de mercadorias, tendo como base nesse movimento constante seus referenciais, hábitos e costumes.

Essa dinâmica espacial, e o cotidiano das pessoas são de certa forma manipulados pelo Estado, dessa forma Carlos (2007), discorre que o espaço urbano representa um valor de uso, onde as transformações dos lugares e a realização de suas concretizações, são impostas através do Estado que domina a sociedade, organizando, normatizando os usos através dos interditos e das leis.

Urbano e rural permanecem como conteúdos sociais diferenciados (“urbanidade” e ruralidade”), mas a oposição cidade/campo atenua-se. Na realidade,

podemos pensar nesta dinâmica pela absorção no campo de cada vez mais tecnologias e sistemas produtivos surgidos da aplicação do conhecimento científico, os quais são desenvolvidos nas cidades (SOBARZO 2006 p. 55). Hoje o espaço rural vê-se invadido por indústrias e incorporações empresárias advindas do espaço urbano. Sua produção está cada vez mais baseada no sistema capitalista. Sendo assim, as relações entre rural e urbano tornam-se cada vez mais intensas e articuladas.

Torna-se desta forma muito difícil definir o que é rural e o que é urbano. Conceituar esses dois espaços está cada vez mais complicado uma vez que esses espaços se interligam tanto econômica quanto socialmente e seus limites de onde começa e termina esses espaços condiciona uma situação em que sua análise deve ser feita de maneira apurada para que não se perca de vista as várias particularidades que se desenvolveram no decorrer da história desses espaços tão ricos e complexos.

## 1.1 RELAÇÃO RURAL E URBANO: REFLEXÕES PARA UM DEBATE

Os estudos sobre relações campo/cidade tiveram maior expressão no âmbito da Sociologia, desde as primeiras décadas do século XX, principalmente nos Estados Unidos. As primeiras interpretações sobre o tema eram dualistas, colocavam “urbano” e “rural” como áreas contrapostas, espaços com características próprias e isoladas. (BIAZZO 2008 p. 135).

Segundo Blume (2004), o estudo do rural proposto pelo enfoque dicotômico clássico se preocupava em determinar evidências que distinguissem a realidade rural da urbana, baseando-se na polarização “comunidade/sociedade”, não se preocupando em identificar possíveis relações de influência que poderiam ocorrer entre as mesmas. De acordo com o autor,

A partir de 1930, surge a perspectiva do *continuum* rural/urbano, que é uma variação analítica do enfoque dicotômico. Este enfoque, de caráter pioneiro e original, foi alavancado pelos autores Sorokin, Zimmermann e Galpin. Nesta perspectiva a polarização antagônica passa a ser substituída por um gradiente de variações espaciais que vão de uma situação típica (o rural) a outra (o urbano), formando o que os autores denominaram de *continuum* rural-urbano. (BLUME, 2004).

Ainda nesse enfoque, Abramovay (2000, p. 15) discorre o significado desta nova etapa de análise dessa relação, “o *continuum*” rural-urbano significa que não existem diferenças fundamentais no modo de vida, na organização social e na cultura, determinados por sua vinculação social.

Porém como salienta Sposito (2006, p.121), “o reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas”. A própria autora chama a atenção, pois esse contínuo tratar-se-á de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento de uso de solos, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano.

Diante destas colocações Rosa e Ferreira (2006, p. 195), advertem que assim como compreender as categorias campo, cidade, rural e urbano pode levar à distintas concepções e caracterizações, definidas pelas diferentes disciplinas, o conceito de *continuum* segue a mesma tendência, sendo utilizado de maneira diferenciada a partir de cada área do conhecimento.

Desta forma a compreensão destas categorias assim como o conceito de *continuum* rural-urbano, vai depender de cada área de conhecimento e da época em que se estiver manifestada essa característica intrínseca desta relação campo e cidade em que estão justapostas uma às outras no decorrer da vida e do espaço geográfico.

Assim sendo, de acordo com Wanderley (2009, p. 61) as relações rural-urbano são o resultado dos processos mais globais que conformam hoje a sociedade brasileira como uma sociedade urbano-industrial e que se traduzem pelo que muitos autores consideram a “industrialização da agricultura” e a “urbanização do campo”.

Corrêa (2011, p. 09) relata que a industrialização do campo, afetou não apenas a estrutura fundiária, gerando maior concentração da propriedade rural, mas também as relações de produção, gerando a diminuição do número de pequenos proprietários, rendeiros e meeiros e o aumento do número de assalariados, particularmente aqueles de trabalho temporário.

Bernadelli (2006, p. 217) em sua análise sobre o processo de industrialização do País, discorre que, ao mesmo tempo houve uma acentuação da urbanização e um crescimento do número de cidades e uma expressiva evasão em decorrência da concentração fundiária,

[...] especialmente após a década de 1960, as transformações decorrentes das opções políticas e, também econômicas e sociais, promoveram impactos expressivos no campo brasileiro. A modernização da agricultura teve entre suas consequências o aumento da concentração fundiária e a expulsão de expressivo contingente de trabalhadores, intensificando a migração campo-cidade. (BERNADELLI 2006, p.217).

Os impactos dessa modernização, trouxe consequências para o campo e cidade e assim as relações de acordo com Rosa e Ferreira (2006) se intensificaram e as atividades capitalistas trouxeram uma maior integração entre esses espaços e os fluxos ficaram cada vez mais frequentes tanto de ícones como a indústria no setor rural como de trabalhadores rurais no setor urbano, tornando-se presenças marcante nesses espaços.

As transformações mais gerais da economia, particularmente a flexibilização do processo de trabalho industrial, facilitaram o crescimento da mão-de-obra pluriativa, que também interessa a indústria por ser mais econômica. A pluriatividade tornou-se permanente nas unidades familiares rurais, tendo em vista o novo ambiente social e econômico existente. (SAQUET 2006, p. 166).

Wanderley e Favareto (2013) discorrem sobre essa nova característica de trabalho que surge no meio rural, apresentando uma nova estruturação nos modos de como o camponês articula essa forma de trabalho na incrementação da renda familiar,

Ora, a pluriatividade é a forma moderna de ser agricultor. Ela corresponde, fundamentalmente, a uma estratégia das famílias, por meio da qual tentam enfrentar dois dilemas que lhes são próprios e específicos: complementar a renda coletiva, com ocupações fora do sítio, utilizando, para isso, a força de trabalho familiar disponível, e encaminhar profissionalmente os filhos que não sucederão aos pais. (WANDERLEY; FAVARETO 2013 p. 448)

Essa nova forma de complementar a renda familiar, torna-se bastante importante, uma vez que contribuirá na formação de seus filhos que estão estudando na cidade. Continua o mesmo autor discorrendo, que a pluriatividade é, também, uma das formas modernas de integração campo-cidade, no sentido de criar, nas cidades, espaços de absorção do trabalho em disponibilidade nas áreas rurais. (WANDERLEY; FAVARETO 2013 p. 448).

Rua (2006, p. 86) em sua análise sobre as novas atividades complementares no meio rural, nos descreve a implementação de alguns aspectos urbanos que

ganham destaque nos últimos tempos dentro da sociedade camponesa antes predominantemente agrícola,

Há um movimento de expansão física e de expansão “ideológica” dos padrões urbanos que vão caracterizar o que alguns denominam “novo rural” que, cada vez mais, se distancia do predominantemente agrícola. Desaparece o tradicional corte rural/urbano; a pluriatividade, que mescla atividades não-agrícolas (a maioria de “caráter” urbano) e agrícolas no espaço rural; a diminuição do tempo necessário para o trabalho agrícola (mecanização etc), que podem levar o agricultor à dedicação parcial à agricultura, podendo incorporar outras fontes de renda ao orçamento familiar; políticas de redução das áreas cultivadas, onde tecnologias são incorporadas - área menor com mais produtividade. (RUA 2006, p. 86).

Estamos diante de uma nova etapa da estruturação econômica do meio rural, com novos meios de trabalhos complementando a atividades agrícola. De acordo com Marafon (2014) devemos levar em consideração que o espaço rural não é somente agrícola. Hoje percebe-se uma gama de elementos vindos do meio urbano que rompe com a função principal do rural que era a produção agrícola, para se ter diversas atividades reforçando a noção de hibridez do meio rural. (MARAFON 2014, p, 04).

Esse híbrido, como é o caso do par campo-cidade, ilustra as relações sociais contemporâneas, imbuídas de trocas e fluxos materiais, imateriais e culturais. Desse modo, as ruralidades se desenvolvem, também, nos espaços urbanos e as urbanidades podem se desenvolver nos espaços rurais. (MARAFON 2014, p, 06).

Diante das transformações que aconteceram no meio rural, com a introdução da mecanização tecnológica, da incorporação de aparatos industriais; meios de comunicação, telefonia fixa e celular, estradas ligando o campo a cidades urbanizadas, facilitando o acesso a bens de consumo e produtos alimentícios enlatados, fez com que o homem do campo incorpore valores urbanos em seu cotidiano.

## **1.2 URBANIDADES E RURALIDADES**

Algumas pesquisas realizadas abordando o mundo rural seguem apontando uma transformação desse, que vai se reconfigurando com a inserção de atividades econômicas que não se relacionam apenas com trabalhos agrícolas, essas

atividades não agrícolas do meio rural, remuneradas ou não, são denominadas de novas ruralidades (MEDEIROS 2016).

Essas atividades adentram em um espaço que antes predominava a produção agrícola artesanal de base familiar com equipamentos rudimentares e que hoje, nota-se uma ressignificação e a valorização dos espaços naturais do campo como fonte de lucro pelo capitalismo global.

Medeiros (2016, p. 14) destaca algumas atividades ligadas aos aspectos culturais dessas novas ruralidades como “atividades relacionadas à preservação da cultura local, a difusão de linguagens inseridas nesses espaços, incluindo, também, outras formas de manifestações culturais não desenvolvidas entre a população de determinada região”.

A busca de paz e tranquilidade, áreas de lazer em meio ao aspecto da natureza, para sair da agitação cotidiana da cidade, fez com que houvesse à busca dessas áreas que se encontram no meio rural com todas suas especificidades que atraem por suas diversidades culturais e paisagísticas. Nesta perspectiva, Lima nos fala que,

[...] o rural não é mais o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um patrimônio a preservar. Cai a lógica produtivista e vem à tona a da qualidade de vida. A nova ruralidade se torna um estilo de vida. Opondo-se ao rural agrícola homogêneo, a ruralidade torna-se o rural da diversidade; a noção de paisagem reproduz a estetização da ruralidade, associada à natureza. (LIMA 2005, p. 45).

Como um novo estilo de vida das ruralidades, encontram-se no espaço rural sinais que nos dão uma dimensão de como esse espaço vem se modificando. Candiotto e Corrêa (2008, p. 239) vem trazer a saber que a partir do crescimento das atividades não agrícolas no campo, intensificam-se as relações e a interdependência entre o urbano e o rural, e, por conseguinte, as urbanidades e as ruralidades.

Essa relação torna bastante dinâmica o espaço rural, e como os próprios autores supracitados denominam que o rural se “tecniciza” com inserção de industriais e tecnologias e serviços urbanos, e isso propicia o crescimento de famílias rurais pluriativas, ou seja, que combinam atividades agrícolas e não agrícolas autônomas e/ou assalariadas para complementar a renda familiar dessas famílias. (CANDIOTTO; CORRÊA 2008).

Para Rua (2002, p. 41), “as urbanidades são constituídas por uma enorme gama de manifestações que vão desde a melhoria da infra-estrutura e dos meios de comunicação até a aposentadoria e novas formas de lazer”. Estas manifestações do urbano se tornam necessária para acolher pessoas que veem no rural uma forma de fugir das cidades metropolitanas.

Candiotto e Corrêa (2008) em seu trabalho analisa as ruralidades que seriam objetos e ações característicos do rural, e fazem parte da identidade da população rural, enquanto as urbanidades corresponderiam a objetos e práticas de caráter urbano.

Porém o autor ressalta que,

Todavia, assim como o espaço urbano e rural estão imbricados, o mesmo acontece com as ruralidades e urbanidades. Além da existência de atores, objetos técnicos e ações de caráter urbano no meio rural, conduzindo a urbanidades no espaço e na sociedade rural, existem ações e objetos técnicos característicos do rural (com origem rural ou industrial-urbana) que acabam se inserindo no urbano (estilo country, músicas, festas, hortas), levando a ruralidades no espaço e na sociedade urbana. (CANDIOTTO e CORRÊA 2008, p. 230).

O autor ressalta que “não podemos entender a ruralidade somente a partir da penetração do mundo urbano-industrial no rural (urbanização física), mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais e de práticas culturais que são reconhecidas como próprias do mundo rural”. Neste sentido as ruralidades e as urbanidades são muito complexas e se deixados de lado aspectos como o modo de vida das populações a análise estaria enfraquecida e o entendimento não seria esclarecido.

Essas relações estão intrinsicamente em conjunto e de acordo com os autores supracitados, continuam suas análises dizendo que “além de a população rural possuir suas ruralidades (que vão se modificando a partir da relação desta com as técnicas e com o urbano), a população urbana também acaba apresentando ruralidades, estas ligadas ao seu interesse pelo rural”.

Continuam em suas análises falando que as ruralidades dos urbanos podem ser profundamente idealizadas pela mídia e por atores interessados no rural como mercadoria, vendendo a ideia de rural como natureza, e como espaço de vida mais saudável. Da mesma forma, a mídia tem forte influência nas urbanidades dos rurais, isto é, na incorporação de valores urbanos pela população rural, seja por meio da TV

(novelas, telejornais, etc.), da internet ou do marketing. (CANDIOTTO E CORRÊA 2008, p. 234).

De acordo com Candiotto e Corrêa (2008) ao carregarem consigo referências de ruralidades e/ou de urbanidades, os indivíduos ou grupos sociais são influenciados por objetos técnicos como a parabólica, TV a cabo, internet, por exemplo, podendo conduzir a novas territorialidades, tanto na população urbana, mas principalmente nos rurais. Essas novas territorialidades podem ser ruralidades ou urbanidades, gerando um processo de mudança de percepção e comportamento dos indivíduos e famílias de acordo com os objetos técnicos postos nesses espaços rurais ou urbanos.

A tecnicização do espaço rural e o maior interesse da sociedade urbana pelo rural aumentaram a heterogeneidade técnica e social desse espaço, de modo que os interesses e os projetos sobre o rural não se originam exclusivamente do mesmo espaço. Partindo do princípio de que esses projetos e interesses no rural sempre estiveram ligados de alguma forma à lógica de acumulação capitalista, podemos afirmar que, com o aumento do interesse do capital pelo rural nos dias atuais, a racionalidade técnica hegemônica invade e condiciona a dinâmica do espaço rural. (CANDIOTTO E CORRÊA 2008, p. 238).

Concordamos com os autores uma vez que o grande capital vê o meio rural como uma possibilidade de fonte de lucro, cria meios para que se amenizem os “defeitos” do meio rural, levando para esse espaço toda sorte de equipamentos para atrair uma população da metrópole fugindo da vida agitada da cidade.

Segundo Marandola Jr e Arruda (2005 p. 32), urbanidade e ruralidade não são apenas modos de vida e sociabilidade, mas dizem respeito diretamente à forma como o espaço é estruturado e, acima de tudo, à forma como as pessoas se relacionam organicamente com este espaço. É evidente que a relação das pessoas com o ambiente é diferente no campo e na cidade. Mesmo que as pessoas possuam em grande parte do modo de vida urbano, os modos espaciais podem ser significativamente distintos.

Os modos de vida são diferenciados, e o rural sendo um local ideologicamente mais tranquilo, Candiotto e Corrêa (2008) fala que a busca das ruralidades estaria relacionadas com a utilização dos meios rurais como mercadoria, manifestando sua ideologia como um local bucólico e tranquilo, um tempo mais lento, onde a vida é devagar, mais saudável e sem stress.

Desta maneira, queremos retratar neste trabalho como os sistemas urbanos estão se inserindo na vida das comunidades rurais e modificando cada vez mais os modos e estilos de vida que já foram tão rudimentares em suas características nos primórdios de sua existência e agora estão sendo cada vez mais focados por agentes do capitalismo.

## **CAPÍTULO 2: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

Neste capítulo será apresentado a área de estudo, com informações geográficas, econômicas, culturais e históricas que ajudarão a conhecer melhor o lócus da pesquisa. Para tanto, fez-se a utilização de pesquisa quali-quantitativo baseados em Silveira e Córdov (2009); Botelho e Cruz (2013), para a compreensão e análise dos dados e o método de pesquisa utilizou-se a abordagem dialético. De acordo com Diniz e Silva (2008) o exercício dialético nos permite compreender que o homem enquanto ser histórico na produção de uma vida material estabelece relações de negação com o mundo e com ele próprio, criando contradições e gerando conflitos nas relações que se tornam a base da organização de sua vida social.

Este tipo de abordagem permite compreender as relações que acontecem no local de estudo, onde a ênfase é dada pelas movimentações sociais e materiais gerando uma organização e reorganização do modo de vida destas localidades.

A coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de formulários socioeconômico à 34 famílias, entrevistas abertas e fechadas com comunitários e líderes das comunidades em questão. Para a aplicação dos formulários e entrevistas baseou-se em Lakatos e Marconi (2003). Foi necessária gravação de áudio e registro em fotografias, e a tabulação dos dados foi feita através de programa estatístico Excel e análise dos dados pelo pesquisador.

A pesquisa foi realizada em três comunidades do município de Juruti-PA, já citadas anteriormente, a escolha dessas comunidades se deu de forma estratégica, por estarem situadas próximas à Cidade de Juruti, o que estreita suas relações.

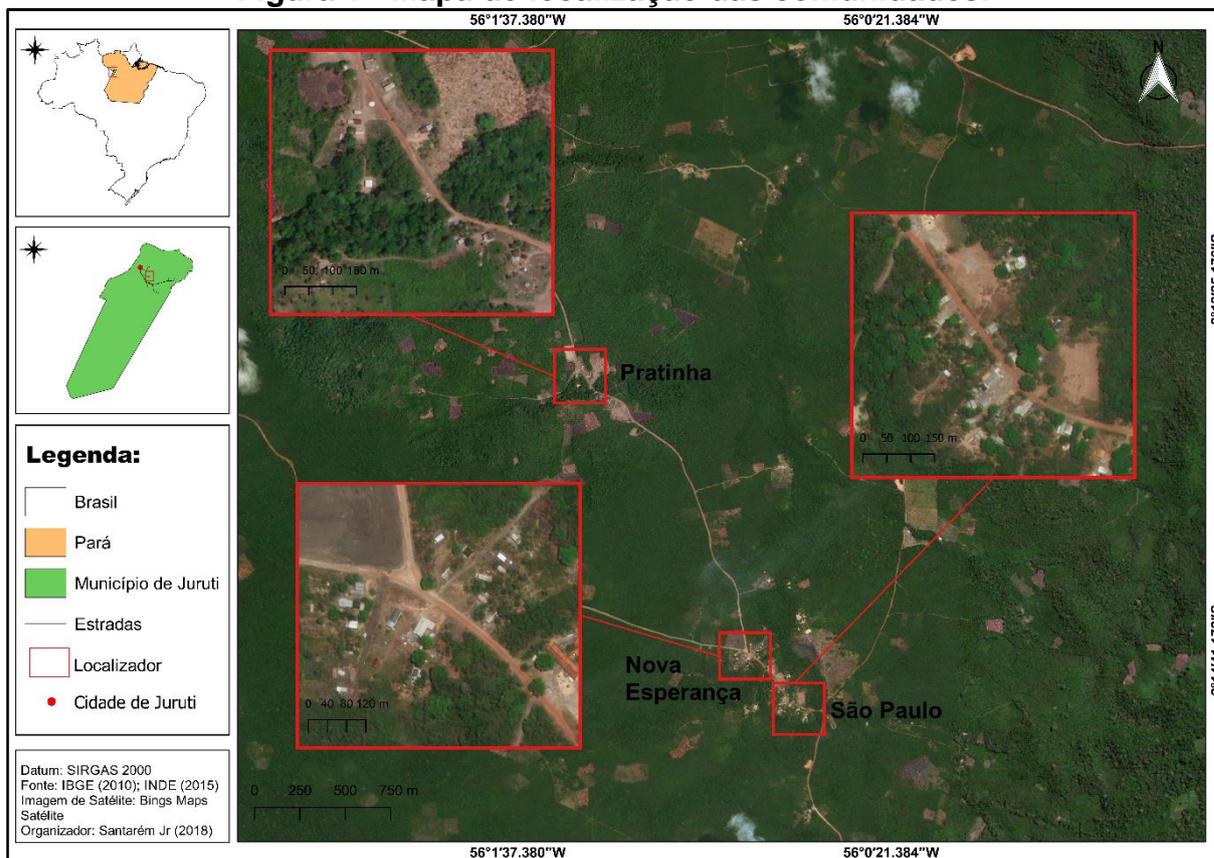
Após o processo de coleta, informações e análise dos resultados, teremos cumprido o objetivo de esclarecer quem sabe da melhor maneira possível os

aspectos inter-relacionais que essas comunidades mantêm, dando ênfase às relações rurais-urbano no município de Juruti-PA.

Procurou-se primeiramente fazer um resgate histórico da origem da Cidade de Juruti e onde está localizada atualmente. Trata-se de uma cidade pequena localizada à Oeste do Estado do Pará e faz divisa com o Estado do Amazonas.

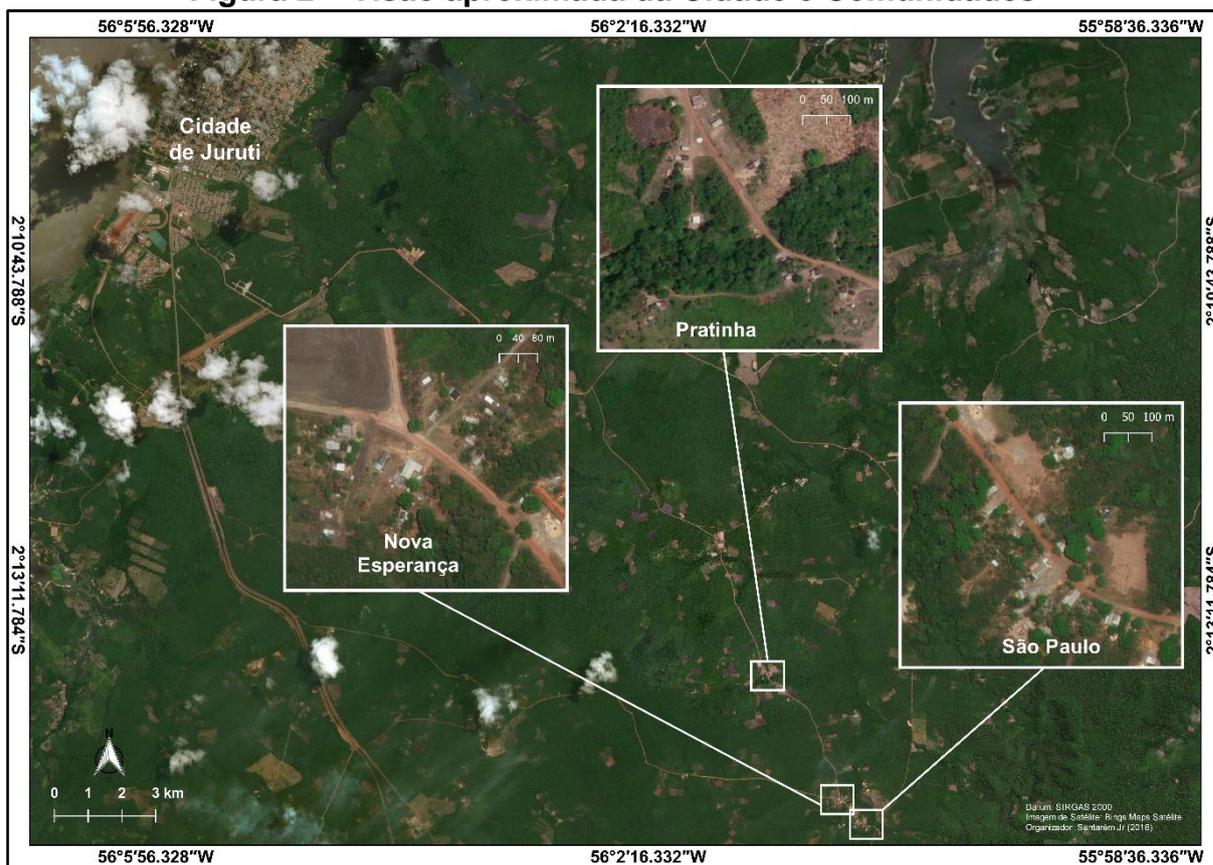
Em seguida, discorreremos sobre as três comunidades focais: São Paulo, Nova Esperança e Pratinha. Para tanto, necessitamos usar de informações primárias para tecermos os fatores que deram origem as três comunidades. Entrevistamos as lideranças de cada comunidade que relataram como se deu a formação dessas comunidades, a relação que mantêm com a cidade e os problemas e anseios de melhoramento de cada comunidade. A atividade agrícola ainda é a base da renda de cada família, mas que está sendo nos últimos anos dividida com trabalhos na cidade aumentando os laços de inter-relação cidade e campo.

**Figura 1 - Mapa de localização das comunidades.**



Organizador: Santarém Jr (2018).

**Figura 2 – Visão aproximada da Cidade e Comunidades**



**Organizador:** Santarém Jr (2018).

## 2.1 O MUNICÍPIO DE JURUTI

O município de Juruti - PA localiza-se, na mesorregião do Baixo Amazonas e na microrregião de Óbidos, fazendo fronteira ao Norte com os municípios de Oriximiná e Óbidos, a Leste com Santarém, ao Sul com Aveiro e a Oeste com Parintins e Nhamundá e Faro (OLIVEIRA; PENA; BARROSO). Tem uma extensão territorial de 8.305,1 km<sup>2</sup>, e uma população estimada em 47,086 habitantes (IBGE 2010).

De acordo com a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), o município de Juruti, segundo Domingos Álvares Ferreira Penna, teve origem numa aldeia dos índios Mundurucus que, em 1818, ficou sob a direção de um missionário, com poderes paroquiais. Com a construção de uma igreja pelos índios, foi logo transformada em freguesia sob a proteção de Nossa Senhora da Saúde.

Segundo a Fapespa (2016) a freguesia de Nossa Senhora da Saúde de Juruti ficou limitada na Serra de Parintins, permanecendo até hoje, por efeito de jurisdição, com o limite dos Estados do Pará e Amazonas. A localização da freguesia não era favorável as grandes navegações e com isso não houve um desenvolvimento neste local. Diante disso solicitou-se a mudança para a margem do rio Amazonas e foi efetivada pela Lei nº 339, de 3 de dezembro de 1859.

Pela lei nº 930, de 15 de julho de 1879, Juruti passou a ser ponto de escala da navegação a vapor subvencionada pelo governo. Pelo quadro anexo ao Decreto-Lei nº 2.972, de 31 de março de 1938, bem como pela divisão territorial vigente no período 1939-1943, estabelecida pelo Decreto-Lei nº 3.131, de 31 de outubro de 1938, o município se constituía apenas do distrito-sede, o que foi confirmado pelo Decreto nº 4.505, de 30 de dezembro de 1943, que estabeleceu a divisão territorial, para vigorar no período 1944-1948. Atualmente, o município de Juruti está constituído apenas do distrito-sede. (FAPESPA 2016, p. 9-10).

A atual localização do município de Juruti é um ponto estratégico que facilitou a rota de navios e barcos vindos de cidades vizinhas aumentando a circulação de mercadorias e de pessoas. A ligação é mais forte com a Capital amazonense e a Cidade de Santarém onde as pessoas vão em busca de trabalho, saúde, educação, e melhores condições de vida.

**Figura 3 – Frente da Cidade de Juruti**



Fonte: Trabalho de campo, 2018 (Foto: Nelson Alves).

A cultura é diversificada e os mais expoentes são a manifestação religiosa do Círio de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade, que ocorrem do dia 23 de junho e terminando em 02 de julho e no final do mesmo mês ocorrem o Festival das Tribos Indígenas que acontecem no “Tribódromo”, local que constitui uma arena de três mil metros quadrados, com capacidade para 7 mil pessoas.

Neste local, no último dia de festa, as tribos folclóricas Mundurucu e Muirapinima disputam o título de campeã do Festival. Juruti Velha, local da fundação do Município e antiga sede municipal é, sem dúvida, o principal patrimônio histórico de Juruti. Na cidade, existem apenas uma Biblioteca Pública e a Casa da Cultura. (FAPESPA 2016, p. 10).

Segundo o IBGE (2010), o município ainda é predominante rural, haja vista, que dos 47.086 habitantes, 31.234 estão distribuídos na zona rural e apenas 15.852 na zona urbana, apesar de ter passado os últimos dez anos por constantes migrações de vários municípios, devido ao fenômeno da mineração. (SILVA 2016, p. 15).

De uma Cidade que tinha sua base econômica conectada ao pequeno comércio varejista e atacadista, com distribuição de alimentos e bebidas, vestuário, material de construção, combustível etc. (CANTO, 2016), vê-se sua estrutura econômica mudar-se com o surgimento desse empreendimento onde,

As transformações advindas da instalação do empreendimento minerador, fizeram com que toda relação social e espacial pré-estabelecida de Juruti fosse alterada, e a cidade ribeirinha, pacata, passou a vivenciar uma urbanização acelerada e acompanhada de variadas transformações em seu cenário.

O surgimento de uma nova fonte de atividade econômica fez com que ocorressem muitas transformações para a população local e isso modificou o modo de viver e sentir a cidade. A implantação de uma grande mineradora internacional como a ALCOA no município trouxe muitas mudanças para a população local e de acordo com os estudos de Marialva (2011) as mudanças foram instantâneas, tanto nas áreas que seriam ocupadas com as plantas industriais da Empresa situadas à sessenta quilômetros da cidade e próximo ao Platô de Capiroanga, primeira área a ser minerada, bem como na área urbana.

Para seu funcionamento, circulam sobre a cidade de Juruti fluxos diversificados como informações, pessoas mercadorias, veículos, produtos diversos

destinados a vários setores (MARIALVA, 2011). Esta grande Empresa trouxe consigo diversos empreendimentos para a cidade assim como pessoas de diversas regiões do país, o que causou investimentos para a melhoria da infraestrutura da cidade e a urbanização decorrente desta prática mineradora.

Diante das características expostas, nosso objetivo neste trabalho será analisar as interações socioeconômicas e culturais existentes entre as comunidades São Paulo, Nova Esperança e Pratinha e a Cidade de Juruti – PÁ, que se localizam próximas à Cidade e saber quais dinâmicas e influências ocorrem no relacionamento rural-urbano entre esses locais estudados.

## **2.2 COMUNIDADES SÃO PAULO, NOVA ESPERANÇA E PRATINHA: ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DAS COMUNIDADES**

Neste tópico apresentaremos algumas informações e características socioeconômicas das três comunidades onde se fez o estudo. Para fins de esclarecimento não foram encontrados documentação sobre o histórico das comunidades nas entidades públicas, por isso as informações coletadas sobre o histórico de formação das comunidades foram feitas através de conversas com os mais antigos de cada comunidade.

As três comunidades em questão fazem parte do assentamento PA Nova Esperança abrangendo uma área de 3.574 hectares, 90 unidades agrícolas familiares beneficiárias. Desse assentamento fazem parte as comunidades, Bom-que-dói, Paraense, Santo Antônio, Pratinha, Nova Esperança e São Paulo (CANTO 2016).

São comunidades que se localizam em áreas de terra firme. Nova Esperança e São Paulo ficam próximas uma da outra e tem laços de vizinhança bem mais forte em relação a Pratinha que fica à uma distância de 2 quilômetros. As três comunidades se distanciam da Cidade 18 quilômetros e fazem o trajeto pela rodovia PA-257.

**Figura 4 – Rodovia P-257**

**Fonte:** Trabalho de Campo, 2018. (Foto: Nelson Alves).

A rodovia está em bom estado, com asfalto e sinalizada, no entanto, ao chegarmos no ramal para adentrarmos sentido as comunidades, encontramos estradas de terra, em alguns trechos “areião” e com buracos. Em períodos de chuva segundo relatos dos moradores que fazem o traslado diariamente pela estrada, fica perigoso e os riscos de acidentes fica bem mais constante.

A rodovia e a estrada facilitaram a circulação dos moradores dessas comunidades, o que ocasionou um aumento de mercadorias, de pessoas e a relação com a Cidade de Juruti tornou-se cada vez mais corriqueira e há de certa forma uma reciprocidade nessa relação.

### **2.3 A COMUNIDADE SÃO PAULO**

Abordaremos de início as características históricas de formação, aspectos culturais e econômicas da Comunidade São Paulo. É a Comunidade mais antiga dentre as três estudadas, configurando-se em termos de quantidade demográfica como a mais populosa, de acordo com alguns comunitários tem aproximadamente 52 famílias que compõe a comunidade.

Segundo relatos do senhor J. (73 anos de idade), a comunidade fundou-se em 1963, e já existiam várias famílias. O local onde as famílias se encontravam se chamava “Terra Preta dos Pernambuco”. Os mais antigos do local, como a mãe de nosso entrevistado e outros amigos estiveram à frente para a formação da

comunidade. No começo, antes de ser uma comunidade *“nós participava no São José, a gente baixava daqui pra lá quando tinha festa”*, (J., 2018).

Para fundar a Igreja vieram algumas pessoas da Comunidade São Pedro fazer uma visita juntamente com o padre Fabrício, no qual decidiram a formação da comunidade. Segundo relatos de seu J., a dúvida pairou sobre qual seria o nome do santo que ficaria na Igreja,

*“Como vai ser o nome do santo? Minha mãe era a mais antiga, ela deu a sugestão...olha não tem o São Pedro? que é vizinho daqui, tem que ter São Paulo também. Minha mãe era parteira. Ela ia partejar criança daqui no “bem longe” onde tinha um conhecido lá que era o Pedro Gomes, pai do Neco Gomes. Ai ela conversando com o velho ele disse eu tenho um santo, o nome dele é São Paulo”*. (J., 2018).

A mãe de seu J. era uma das pessoas mais antigas e participou da liderança na formação da Comunidade São Paulo. A primeira construção que foi feita, foi um barracão. Depois a igreja com matérias de construção da fábrica de um senhor chamado “Velho Pedro”, no qual vendia telha e cimento que foram usados para cobrir a igreja.

Na atualidade, na comunidade São Paulo encontra-se uma Escola que atende alunos de 5<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> anos do Ensino Fundamental e também uma Escola infantil denominada Casulo São Paulo, ao lado da igreja. A instituição escolar é um polo educacional que atende à outras comunidades vizinhas.

**Figura 5 – Escola de Ens. Fundamental Amauri da Silva Moraes e Casulo São Paulo**



Fonte: Trabalho de Campo, 2018. (Foto: Nelson Alves).

Para fazer o transporte dos alunos que moram em outras comunidades, a prefeitura cedeu um ônibus escolar, porém em relatos dos entrevistados o mesmo estava “quebrado” impossibilitando o transporte dos alunos. No período de realização da pesquisa estava-se iniciando o ano letivo e as salas de aula encontravam-se vazias por falta de alunos que dependem do transporte para chegar à Escola polo.

Em relação a cultura realiza-se a festa em honra ao Santo Padroeiro que acontece todo ano no mês de junho, com rezas na Igreja e depois durante o dia torneio de futebol e leilões de iguarias da região. Segundo nosso entrevistado e de outros moradores a venda de bebidas alcoólicas é proibida durante a festa do Santo. Em abril acontece também a festa do time de futebol da Comunidade. Essas manifestações culturais atraem pessoas de outras comunidades e da cidade.

**Figura 6 – Igreja do Santo Padroeiro São Paulo**



**Fonte:** Trabalho de campo, 2018. (Foto: Nelson Alves).

A Comunidade não possui Posto de Saúde, só um agente que atende as três comunidades deste estudo. Quando os moradores necessitam de atendimento médico precisam ir até a cidade. Não há infraestrutura e saneamento básico, sua extensão territorial é constituída de uma rua única onde as casas se distribuem as margens direita e esquerda. As residências são de madeira e de alvenaria, possuindo sistema público de abastecimento de água encanada e energia elétrica. O sinal de telefone celular já chegou a essa comunidade.

Os comércios existentes na comunidade são mercearias que se encontram na extensão das casas dos proprietários, onde são vendidos variedades de produtos

alimentícios e alcoólicos, e esses mesmo produtos são comprados na Cidade para serem revendidos na Comunidade. A renda familiar de seus habitantes vem principalmente da agricultura e do comércio de seus produtos vendidos na cidade nos dias de feira livre no dia de sexta-feira. Alguns moradores trabalham como funcionários públicos e entre outros serviços disponibilizados na Cidade.

Nas casas dos entrevistados encontra-se televisão, antena parabólica, rádio e DVDs, entre objetos industrializados. Isso demonstra como os moradores estão adquirindo objetos urbanos e ficando cada vez mais conectado com o mundo. As formas de lazer agora estão bastante ligadas com objetos urbanos, mas não deixam de fazer algumas coisas para sua diversão como festas, jogar bola e tomar banho nos rios gelados da região.

## 2.4 A COMUNIDADE PRATINHA

Nesta Comunidade obtivemos informações assim como na anterior, através de conversa informal com o coordenador da Pratinha, senhor J. A. (50 anos de idade), que relatou a história de formação da comunidade. Antes da mesma ser considerada comunidade era uma região pertencente a São Paulo, quando o INCRA (Instituto de colonização e reforma agrária) passou para fazer a demarcação dos lotes de terra, “já colocou no mapa do INCRA como comunidade” (J. A., 2018).

De acordo com nosso entrevistado “na época só existia o campo de futebol, não tinha igreja, não tinha sede, não tinha escola”. As famílias viviam distantes da Comunidade São Paulo. Foi durante a participação de seu J. A. na coordenação de São Paulo que cogitou-se a formação da Comunidade Pratinha,

*“Em 2000 agente participava em São Paulo, eu fui coordenador e na minha saída da coordenação, o coordenador da área me perguntou se nós não queríamos fundar a comunidade aqui da Pratinha. Ai eu reunir com o pessoal, joguei a proposta e o pessoal aceitaram. Fomos na secretaria do padre, e o padre disse: “não fundar, ninguém vai fundar ainda, vocês vão ter uma experiência como núcleo por 5 anos, se vocês derem conta, a gente vai lá e funda a comunidade”. Quando foi em 2005, nós demos “conta do recado” aí foi fundada a comunidade. (J. A., 2018).*

Desta forma, a comunidade da Pratinha começou com um barracão que funcionava como sede/escola/igreja. A construção da primeira sede foi feita através da parceria com o Governo da Prefeitura da época.

Entretanto, como o terreno que foi feito a primeira sede era muito acidentado, foi necessário a construção do barracão em outro local. Num movimento de força conjunta os comunitários juntaram-se e construíram a nova sede, a cozinha e a igreja, e também o campo de futebol que fica ao lado da sede da Comunidade.

**Figura 7 – Sede e Igreja do Padroeiro São Francisco de Assis**



**Fonte:** Trabalho de campo, 2018. (Foto: Nelson Alves).

Na comunidade acontece no mês de outubro a festa em honra ao Santo Padroeiro São Francisco de Assis, com rezas e orações e com leilões durante o dia que atraem pessoas de outras comunidades e da Cidade. Acontece no mês de setembro a festa do clube de futebol com torneios onde participam times além da própria comunidade, times de outras circunvizinhas e da cidade.

A Comunidade nasceu de duas famílias, do papai e do tio, do nosso entrevistado. É uma Comunidade pequena, relativamente nova; as mercearias são a extensão das casas, onde vende-se variedades que são comprados na Cidade para a revenda. Possui energia elétrica, as casas possuem alguns equipamentos eletrônicos como geladeira, televisão, DVD, aparelho de som, antena parabólica, fato que indica que as pessoas estão cada vez mais em inter-relação com a vida urbana da cidade.

Os moradores da comunidade, tem sua principal renda familiar na agricultura e do comércio de seus produtos vendidos na cidade nos dias de feira livre dia de sexta-feira, porém, alguns moradores são funcionários públicos que trabalham na cidade e dentre outros serviços. A Comunidade não possui posto de saúde, e

quando as pessoas querem atendimento médico precisam ir à Cidade. Só existe um agente de saúde que atende as três comunidades, ele faz o levantamento da demanda e orientação. Não possui escola, os alunos utilizam a instituição escolar da Comunidade São Paulo.

## 2.5 COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA

A história de formação da comunidade Nova Esperança se deu através da reorganização territorial no qual antes se formava apenas uma única comunidade a qual relatamos anteriormente denominada São Paulo. Para sabermos como se deu essa reorganização territorial tivemos que obter informações como as duas comunidades anteriores, através de conversa informal com lideranças, o qual detalhou seus processos que culminou na formação da Comunidade.

De acordo com nosso entrevistado o senhor M. E. (53 anos de idade) que exerce a função de coordenador até o final de 2018, relatou que a Comunidade em questão fazia parte do São Paulo, quando por questões de desentendimento entre familiares, algumas famílias resolveram formar uma comunidade fora da atual São Paulo.

Segundo nosso entrevistado, ele foi coordenador da Comunidade, também fazia a liturgia na Igreja. No entanto por questões pessoais não deu certo e passaram a congregar na capela onde já faziam suas rezas e orações. Em um de seus relatos o senhor M. E. relata que,

*“O padre não queria. Nós passamos de três a quatro anos aqui. Depois foi regularizado pela paróquia, agora tá tudo legal. Teve um combate para voltar a fazer parte de São Paulo, mais não quisemos “pra lá agente não volta”, também ninguém vai pra outra igreja, vamos fica na nossa, vamos rezar aqui, vamos batizar aqui, se o padre não vier agente batiza pois a gente sabe como é, nós vamos ficar aqui”.* (M. E., 2018).

De acordo com o coordenador M. E., atualmente a comunidade é composta por família 23 famílias que vivem na comunidade. É pequena em extensão territorial, seus habitantes vivem da agricultura e do comércio de seus produtos vendidos na cidade nos dias de feira livre dia de sexta-feira. Assim como nas comunidades anteriores alguns moradores trabalham como funcionários públicos na cidade e serviços diversos, o que ajuda na renda familiar.

**Figura 8 – Sede e Igreja da Padroeira Santana**



**Fonte:** Trabalho de campo, 2018. (Foto: Nelson Alves).

A comunidade tem doze anos de existência e começou com doze famílias. As mercearias existentes são iguais as outras encontradas nas duas comunidades relatadas anteriormente, como extensão das casas onde são vendidos produtos diversos que são comprados na cidade para serem revendidos para os comunitários.

Nas casas encontram-se diversos aparelhos tecnológicos, televisão, rádio, aparelho de som, antena parabólica, entre outros. O lazer e distração é o jogo de futebol e banhos nos rios de água gelada que se encontra na comunidade São Paulo, mas que devido à proximidade as pessoas vão até esse rio se divertir com familiares e amigos.

A festa que acontece na comunidade é em honra à Santana Padroeira da comunidade. Nessa festa é proibida a venda de bebidas alcoólicas. Existe também a festa do time de futebol, com torneios e festa dançante a noite, onde vem pessoas de outras comunidades e da cidade.

Em questão de saúde, a comunidade não possui um posto de atendimento médico, e quando precisam de atendimento tem que se deslocar até a cidade. Conta com um agente de saúde que atende não só à comunidade da Nova Esperança, como também a Pratinha e São Paulo. A instituição escolar que os alunos disponibilizam para estudar fica na escola polo São Paulo a poucos metros da comunidade.

### **CAPÍTULO 3: REDES DE FLUXOS ECONÔMICOS ENTRE AS COMUNIDADES E A CIDADE DE JURUTI-PA**

Passaremos a tratar neste capítulo das relações econômicas que se processam de forma dinâmica e que se estabelecem no cotidiano do espaço geográfico, levando em consideração as redes de fluxos que determinam a interdependência do meio rural com a Cidade de Juruti-PA.

Há uma dinamicidade que se faz sentir, um conjunto da práxis diária dos comunitários. Neste conjunto de práticas, se formam as redes que nas palavras de Milton Santos, “as redes são um veículo de um movimento dialético [...]” (SANTOS 2006, p. 182). É nesse movimento dialético que a proximidade das comunidades com a cidade de Juruti propicia uma relação social e econômica muito íntima.

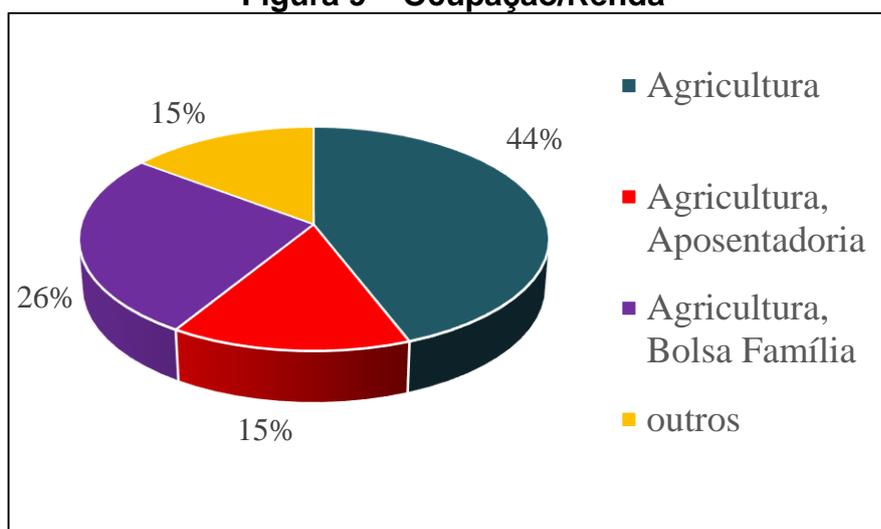
A falta de serviços essenciais como saúde, educação, serviços bancários e o comércio em geral, obriga os moradores das comunidades a se deslocarem diariamente para a Cidade. Constroem-se desta forma redes de fluxos sociais campo/cidade numa dialética onde,

Animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes não prescindem de fixos – que constituem sua base técnicas – mesmo quando esses fixos são pontos. Assim as redes são estáveis e, ao mesmo tempo dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não-passivas, as redes não tem em si mesmas seu princípio dinâmico que é o movimento social. (SANTOS 2006, p. 188).

As redes podem ser técnicas e também podem ser social e política (Santos, 2006), permitindo dessa forma a organização espacial e as relações que se formam entre a sociedade como um todo. As redes se constituem dessa junção onde os fixos são as estruturas físicas e os fluxos as mercadorias, o comércio, a dinâmica envolvida em pequena escala ou numa escala global.

O movimento social das pessoas das comunidades vai além da busca de serviços como os já citados, mas também para o escoamento da produção agrícola que é feito com frequência para a Cidade.

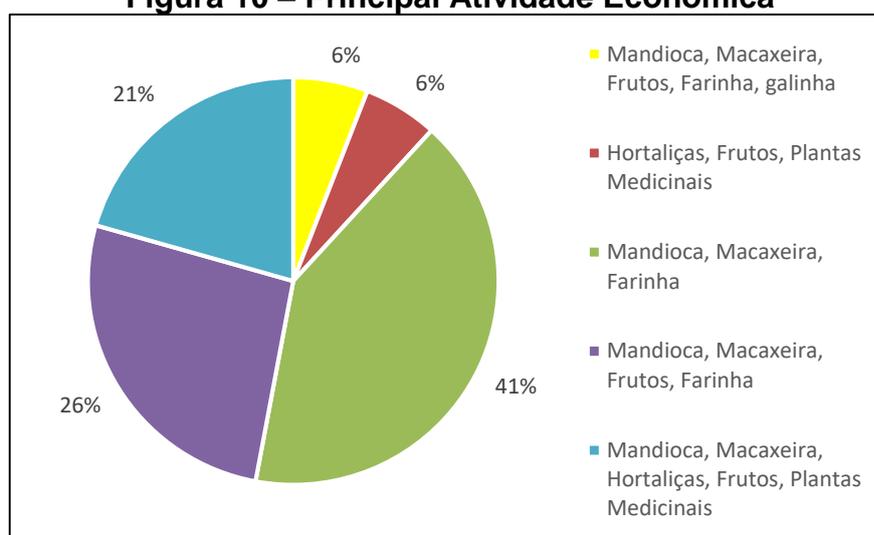
Nas comunidades há uma produção agrícola muito expressiva, onde 85% das famílias entrevistadas dedicam-se a agricultura, desse total, 26% recebem Bolsa Família, 15% recebem aposentadoria e 44% ainda tem a agricultura como única fonte de renda.

**Figura 9 – Ocupação/Renda**

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Esses 15% que não produzem nenhum tipo de atividade agropastoril, são funcionários públicos, comerciantes e assalariados.

Pode-se dizer que essas comunidades são comunidades agrícolas, onde o principal produto cultivado é a mandioca, apenas 6% dos produtores não se dedicam a produção de farinha e apenas 6% dedica-se a produção animal, entre outras atividades.

**Figura 10 – Principal Atividade Econômica**

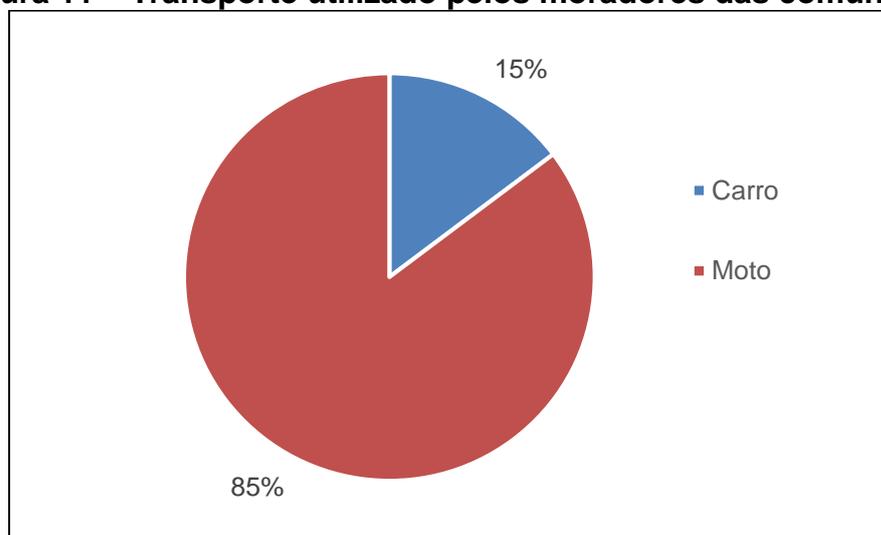
Fonte: Trabalho de campo (2018).

A produção de mandioca e seus derivados como tapioca, carimã, tucupi e beijus são os produtos mais ofertados, já que quase tudo é vendido dentro da cidade, pois existe um mercado consumidor dentro do próprio município.

A produção agrícola é escoada semanalmente e vendida diretamente ao consumidor o que favorece a compra dos produtos a um preço mais acessível, pois o comércio é feito sem intermediários, ou seja, diretamente ao consumidor final.

O transporte dos produtos agrícolas é feito em sua maioria através de um caminhão fretado pelos produtores, outros utilizam seus próprios transportes como carros e motos. O município não disponibiliza transporte para esse fim. No entanto constatou-se que poucas famílias têm carro, sendo que a maioria no total dos entrevistados utiliza-se das motos.

**Figura 11 – Transporte utilizado pelos moradores das comunidades**



Fonte: Trabalho de campo, (2018).

As condições da estrada principalmente na época do inverno, dificulta o tráfego, pois, a estrada é de terra e alguns trechos tornam-se até perigosos, isso ocasiona danos aos transportes e as mercadorias.

Existem nas comunidades pequenas mercearias com produtos da cesta básica, produtos esses com preços relativamente caros, uma vez que a distância e a falta de concorrência encarecem os produtos, isso justifica o percurso até a cidade para a aquisição da cesta básica. O comércio local é apenas para emergências, quando falta um produto essencial em casa.

As redes de fluxos entre as comunidades e a cidade torna-se essencial uma vez que a dinâmica da circularidade envolve fatores econômicos, sociais e culturais. A seguir trataremos desses fatores que moldam cada uma das partes.

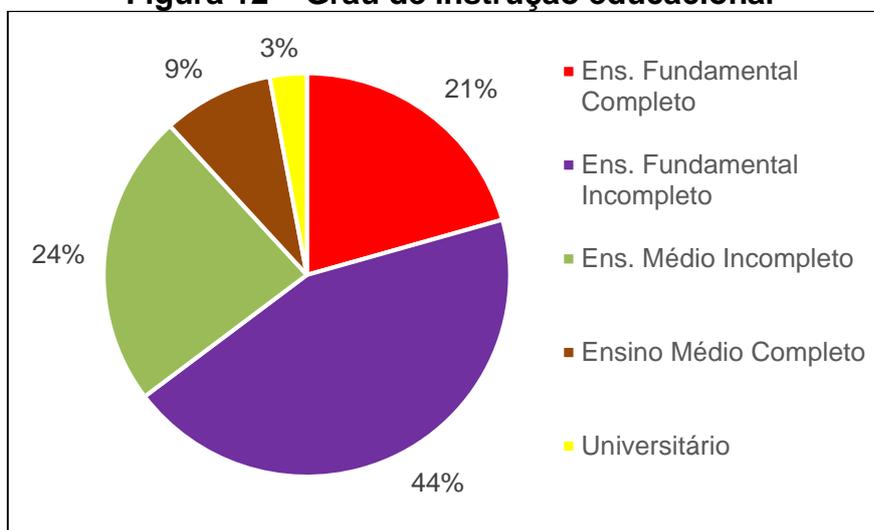
### 3.1 A CIRCULARIDADE ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL ENTRE O RURAL E URBANO EM JURUTI

A importância de juruti para as Comunidades de São Paulo, Pratinha e Nova Esperança é muito perceptível, visto que esses comunitários carecem de muitos serviços só encontrados em juruti. Desta forma como nos relata Silva,

As sociedades rurais sempre mantiveram ligações com o urbano. Seja nas idas para a cidade para a venda de seus produtos, comprar as mercadorias de que necessitam, seja para visitar parentes que moram na cidade, participar de festas ou se consultar com o médico. (SILVA 2015, p. 235).

Nas três Comunidades estudadas não é diferente em termos de procura de educação, saúde, comércio, instituições bancárias entre outros. Trata-se de comunidades onde quase a metade dos entrevistados nem terminaram o Ensino Fundamental, e 24% do total não terminaram o ensino médio. Esses fatos podem ser justificados, primeiro pela necessidade de trabalho para ajudar na renda da família, e segundo pela falta de Escola com Ensino Médio na Comunidade.

**Figura 12 – Grau de instrução educacional**

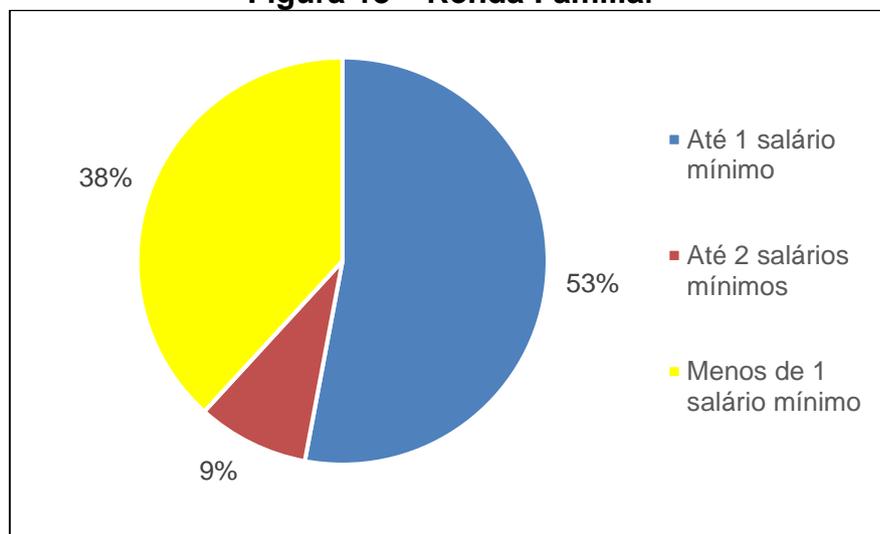


Fonte: Trabalho de campo (2018)

A maioria das pessoas talvez conclua somente o ensino fundamental, pois se quiserem continuar seus estudos necessitam ir até a Cidade, mas muitos acabam ficando na comunidade ajudando seus familiares nos roçados, e isso configura uma população com relativa baixa escolaridade.

Sobre a renda familiar dos comunitários, a maioria recebe até um salário mínimo, 38% recebe menos de um salário mínimo.

**Figura 13 – Renda Familiar**



**Fonte:** Trabalho de campo (2018)

Esses dados, porém, não levam em consideração a renda proveniente da agricultura, uma vez que esse tipo de atividade é sazonal e a arrecadação varia muito, dependendo do tipo de produto levado a feira.

Mesmo sendo estas comunidades rurais, seus comunitários possuem muitos aparatos tecnológicos comuns da cidade, como mostra a tabela abaixo:

**Tabela 1 - Produtos eletrônicos nas comunidades.**

<b>Meios de comunicação</b>	
Outro	21%
Telefone celular	79%
<b>Mantem Informado</b>	
Rádio, Televisão	97%
Televisão	3%
<b>Eletrodomésticos nas residências</b>	
TV, Rádio, Geladeira, Fogão	15%
TV, Rádio, Geladeira, Fogão, Aparelho de som, DVD	26%
TV, Rádio, Geladeira, Fogão, DVD	9%
TV, Rádio, Geladeira, Fogão, Parabólica, DVD	12%
TV, Rádio, Geladeira, Fogão, Parabólica, Aparelho de som, DVD	38%

**Fonte:** Trabalho de campo (2018).

As famílias dispõem de eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos, dispõem de serviço de telefonia e mantem-se informados e conectados através de rádio, televisão e internet via celular. Apesar de baixo poder aquisitivo, estas pessoas tem um estilo de vida urbanizada.

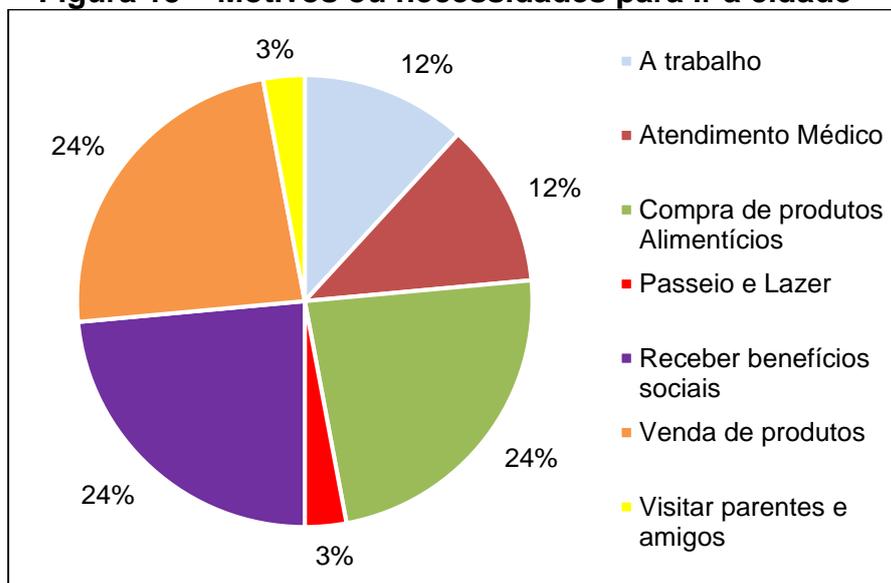
**Figura 14 – Telefonia e abastecimento de água**



Fonte: Trabalho de campo, 2018 (Fonte: Nelson Alves)

Constatamos que os moradores dessas comunidades têm uma relação muito forte com a cidade de Juruti, onde pode-se perceber, quando perguntamos quais eram os motivos ou necessidades que os levavam a ir à cidade.

**Figura 15 – Motivos ou necessidades para ir a cidade**



Fonte: Trabalho de campo, (2018).

O gráfico acima demonstra como a ida a trabalho, a procura tanto por tratamento hospitalar, compra de produtos alimentícios, receber benefícios sociais e venda de produtos destacam-se nas principais motivações de irem à cidade e ficando a visita de amigos e passeio e lazer menos importante com apenas 3%.

Quando perguntados sobre os investimentos almejados pelos moradores para melhoria da qualidade de vida nas comunidades, o item educação foi escolhido de forma unânime, prova do descontentamento no quesito educação. Água e energia foi o segundo item na importância para melhoria da qualidade de vida, pois estes acreditam não serem assistidos de forma adequada. Saneamento básico e agricultura e pesca, na escala de prioridades receberam o mesmo número de prioridades, considerados muito importantes

A coleta de resíduos sólidos teve significativa referência, uma vez que não existe coleta do lixo domiciliar por parte do município, nem qualquer menção em incentivar a coleta seletiva para que uma parte desses resíduos fossem convertidos em benefícios para a Comunidade.

A pecuária foi mencionada apenas uma vez, pois esta atividade é pouco praticada nas imediações, e o ecoturismo foi a única opção não mencionada, mostrando a falta de conhecimento sobre essa atividade, pois a região correspondente às comunidades possui uma paisagem natural invejável e um potencial para o turismo, o que poderia atrair investimentos para o desenvolvimento das comunidades.

**Tabela 2 - Investimentos para melhoria da qualidade de vida**

<b>Água e energia</b>	<b>33</b>
<b>Saneamento Básico</b>	<b>29</b>
<b>Coleta de resíduos sólidos</b>	<b>21</b>
<b>Agricultura e pesca</b>	<b>29</b>
<b>Pecuária</b>	<b>1</b>
<b>Educação</b>	<b>34</b>
<b>Ecoturismo</b>	<b>0</b>

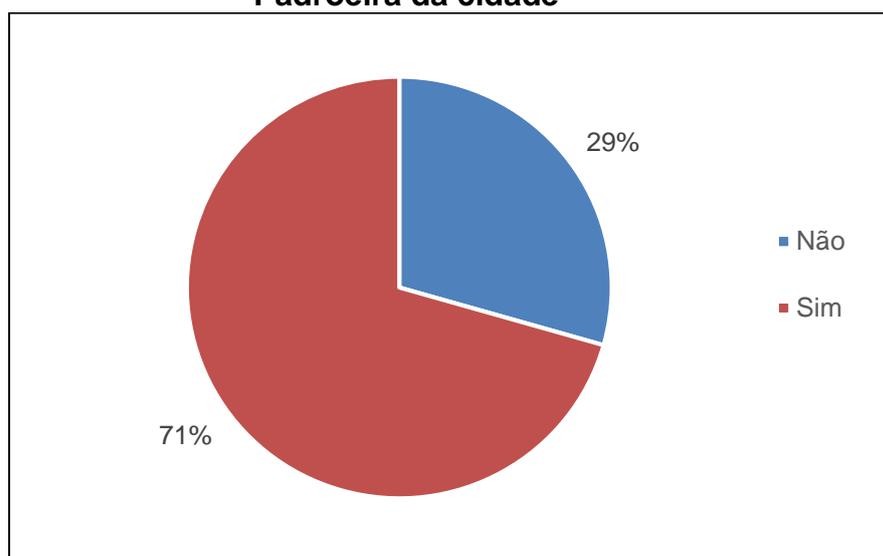
Fonte: Trabalho de campo (2018).

Todos os itens mencionados acima demonstram que os moradores anseiam por melhores condições de vida assim como o melhoramento infra-estrutural de suas comunidades.

Com os meios de comunicação, circulação de mercadorias e de pessoas, as diversas sociedades ficaram mais interconectadas, e de acordo com Cardoso (2008) a globalização contribui para ampliar o alcance das misturas, isso promoveu a descentralização de vários elementos culturais e dessa forma, os diversos povos absorvem e se adaptam aos mais diferentes tipos de cultura (CARDOSO, 2008).

Podemos notar essa mistura cultural, quando se fala sobre a questão dos festejos culturais, onde notou-se a circularidade das pessoas quando ocorrem festejos nas comunidades onde (100%) dos entrevistados responderam que atraem pessoas da cidade. As festas de santo das comunidades para (71%) possuem semelhança com a festa da padroeira da Cidade e (29%) disseram que não possui semelhança.

**Figura 16 – As festas de santo possuem semelhança com a festa da Padroeira da cidade**



Fonte: Trabalho de campo, (2018).

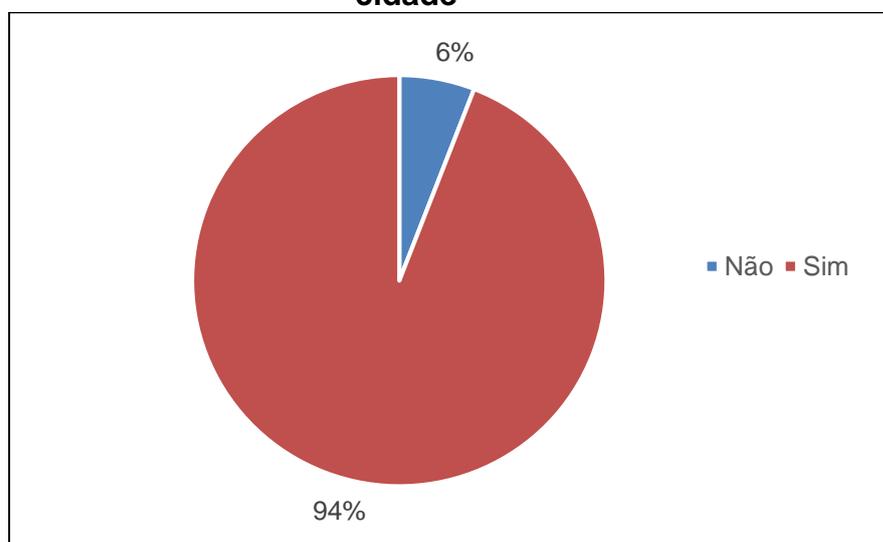
Quando há torneios tanto nas comunidades como na cidade, e principalmente no aniversário da cidade, esses eventos atraem pessoas e times de diversas partes da região para disputarem o prêmio em dinheiro ao primeiro colocado da disputa.

No mês de junho no qual se comemora as festas juninas das comunidades, as festividades ocorrem na escola polo São Paulo, no qual se apresentam danças típicas como as quadrilhas e danças folclóricas. Em análise, podemos denotar que as mesmas ocorrem na cidade de Juruti ocorrendo uma espécie de reciprocidade onde há certa semelhança dessas danças.

Os festejos juninos que acontecem na escola polo São Paulo, atraem várias pessoas de comunidades adjacentes que veem para apreciar as apresentações e alguns que veem como convidados para apresentarem suas danças.

Quando perguntados se a festa junina da comunidade possui semelhança com a festa da cidade, a maioria dos entrevistados afirmaram que tem semelhança, como pode ser observado no gráfico abaixo;

**Figura 17 – As festas Juninas possuem semelhança com as da cidade**



Fonte: Trabalho de campo, (2018).

Há uma certa relação de semelhança e interação nos modos com que as comunidades fazem suas manifestações culturais em relação a cidades. No entanto, cada uma guarda suas especificidades,

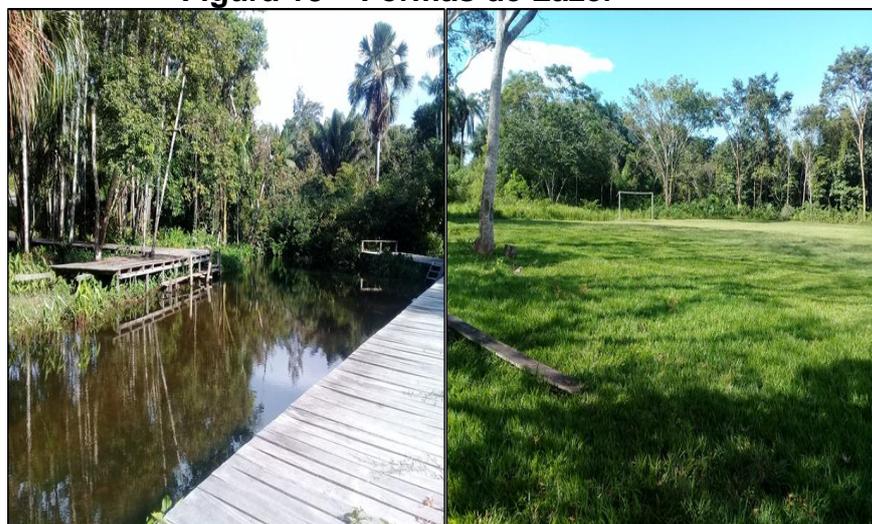
As áreas rurais, ao mesmo tempo que interagem e trocam informações com a cidade, possuem especificidades próprias que são mantidas e que, por sua vez, dependendo da situação podem ser também transformadas. E hoje com o advento da modernidade esses processos ficam cada vez mais dinâmicos [...] (SILVA 2015, p. 221).

As características observadas nas comunidades indicam que os valores rurais continuam sendo guardados por parte dos comunitários, nos modos de falar, de pensar e de agir com as visitas. O cafezinho, o modo gentil de tratamento das pessoas e também o estranhamento ao ver “gente nova” nos arredores da

comunidade, são perceptíveis nos modos de vivencia que ainda se presenciavam nessas comunidades.

Podemos perceber essas características nos modos de lazer dos comunitários, que carregam muitos aspectos culturais deixado pelos seus avós, pais e que perduram até hoje. A prática de tomar banho nos lagos e igarapés da região ainda é a melhor forma de lazer dessas pessoas, pois não é a necessidade que os leva a esta prática, mas o costume de se refrescar e desfrutar as belezas naturais normalmente na companhia da família e amigos.

**Figura 18 – Formas de Lazer**



**Fonte:** Trabalho de campo, 2018 (Foto: Nelson Alves).

As festas de santo e festas dançantes também estão entre as principais atividades de lazer, mesmo que não aconteçam de forma frequente, são muito apreciadas pelos comunitários que fazem questão de festas dançadas a dois, como forró e bolero.

Assistir televisão é uma atividade comum de entretenimento na comunidade, pois serve também como um meio de informação e conexão com o mundo. O futebol e visitar amigos foram itens menos mencionados como forma de lazer o que não quer dizer menos importante, apenas não comum a todos como por exemplo o futebol, praticado em sua maioria por homens.

**Tabela 3 - Formas de Lazer**

<b>Futebol</b>	14
<b>Festas dançantes</b>	28
<b>Festas de santos</b>	33
<b>Visita de amigos</b>	15
<b>Leituras</b>	0
<b>Banhos nos rios e lago:</b>	34
<b>Assistir televisão</b>	24

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Apenas o item leitura dentre as opções apresentadas não fora marcada como forma de lazer nestas comunidades, o que pode demonstrar a falta de hábito, a falta de acesso a livros e revistas e vida corrida dos comunitários que trabalham no roçado, lhes restando tempo apenas o descanso e outras práticas que não envolvam a leitura.

No entanto as formas de lazer estão cada vez mais sendo compartilhada pelos moradores da cidade que veem no campo uma forma de fuga do tumulto das cidades. A procura por esse espaço natural torna-se bastante significativa na contemporaneidade tornando as relações cada vez mais intensas e dinâmicas, facilitada pelas vias de circulação como as rodovias e as estradas pavimentadas ou não como e o caso das comunidades, facilitou a transição das pessoas aumentando a circularidade tanto econômica e cultural e isso de certa forma vai moldando as características antes encontradas só em lugares rurais e urbanos, enfatizando o que Cardoso (2008) fala sobre o hibridismo cultural onde,

O hibridismo cultural é, portanto, um fenômeno natural e imanente na constituição e evolução da civilização [...]. O hibridismo é o testemunho mais nítido de que, mesmo esforçando-se por preservar formas culturais autóctones, o homem está aberto a novas maneiras de interagir culturalmente, como mais um recurso de sobrevivência num mundo que tem a mudança como traço essencial (CARDOSO 2008, p. 89).

Esse movimento de circulação sociocultural que integra as comunidades com a cidade denota-se a abertura para novas maneiras de interação o que demonstra que tudo está se imbricando e em constante transformação, tanto nos modos de vida e nos meios de organização social e políticos e os arranjos que são feitos nesses locais. As comunidades São Paulo, Nova Esperança e Pratinha tem uma

relação bastante significativa com a cidade, tanto por se encontrarem próximas a está, como por vivenciarem seus desejos e sonhos por melhores condições de vida para essas comunidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa buscou-se analisar as relações rurais-urbano entre as comunidades São Paulo, Nova Esperança e Pratinha e a cidade de Juruti, tentando mostrar algumas características urbanas encontradas no meio rural, tanto como de objetos tecnológicos como nos modos de vida da população que vive no campo.

Foi muito importante conversas informais para sabermos a história de formação das comunidades assim como, o que os moradores dessas comunidades pensam da sua relação com a cidade. Desta forma percebeu-se na fala dos entrevistados como eles se sentiam interconectados na vida e objetos urbanos da cidade.

São comunidades rurais no qual sua principal renda familiar provém da agricultura, e alguns cultivam a produção de avicultura. Os produtos são vendidos diretamente na Cidade sem atravessadores. Para complementar a renda familiar, alguns moradores trabalham como funcionários públicos na Cidade e em empresas privadas, tornando a relação essencial para vida dessas pessoas.

A circulação é feita quase que diariamente pela maioria dos moradores dessas comunidades. Muitos moradores tem motos e alguns tem carros que facilitam o percurso dando dinamicidade nessa relação campo/cidade ou cidade/campo. Fazem esse trajeto tanto para tratamento hospitalar que as comunidades não possuem nem um posto de atendimento para se fazer os primeiros socorros caso necessitem e também para continuarem seus estudos, pois à escola que existe só atende até o 9<sup>o</sup> do ensino fundamental.

Os moradores dessas comunidades reivindicam pelo menos um posto de saúde para atender as comunidades locais e adjacentes, o que traria melhores condições de saúde para a população. Além dessa reivindicação essencial, os moradores também requerem melhores condições da estrada, saneamento básico,

maior incentivo na área da agricultura pelo poder público e principalmente investir na melhoria da Escola polo e do transporte dos alunos com mais conforto e segurança.

Os modos de vida dos comunitários estão muito ligados a vida urbana da cidade uma vez que devido as necessidades usam instituições governamentais e empresas privadas para resolverem seus problemas jurídicos e bancos para receberem suas rendas sociais e salários que são instituições urbanas encontradas na cidade.

As redes de fluxos tanto econômicas, sociais e culturais são bastante fortes e dinâmicas entres as comunidades e a cidade, sua proximidade geográfica facilitada pela Rodovia PA-257 e pela estrada ajuda nessa integração permitindo-nos dizer que a relação rural-urbana está intimamente relacionada neste local.

A circularidade da cultura entre essas comunidades com cidade é muito forte. Os tradicionais eventos culturais estão cada vez mais se interagindo com os modos e estilos de festejos existentes na Cidade. Os elementos culturais se mostram semelhantes e são absorvidos tanto pelos moradores rurais quanto pelos da Cidade.

As festas de santos padroeiros (as), as festas juninas, os torneios de futebol atraem pessoas da cidade para a comunidade e vice-versa. Essa relação demonstra que a relação da circularidade cultural campo/cidade, torna-se cada vez mais semelhante e comum nessas localidades.

A relação rural-urbana entre essas localidades está diversificando o modo de vida das comunidades rurais, onde as tecnologias entram de forma bastante significativa na vida dessas pessoas, com objetos como celulares, televisões, geladeiras, rádios, aparelhos de som etc., que vão moldando o modo de falar, de agir, de pensar dessa população. Mas não podemos deixar de compreender é que essas novas formas urbanas não estão substituindo os valores rurais e seus modos de vida.

A pesar de toda introdução de aparatos urbanos nas comunidades, as tradições são mantidas, os arraiais em comemoração aos santos padroeiros, os torneios nos campos e as rodas de conversas continuam resistindo aos avanços tecnológicos. A relação entre as comunidades, a circulação entre elas e a Cidade é indispensável, pois qualquer melhoria será importante para todos. Portanto presenciamos uma nova ressignificação de valores sociais e culturais com outras práticas, que dão o tom do dinamismo das relações encontradas entres as comunidades e a cidade de Juruti-PA.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Do setor ao território**: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **IPEA** (texto para discussão), São Paulo/Rio de Janeiro, n. 702, 2000.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2000**: característica da população e dos domicílios. Rio de Janeiro, 2000.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil**: uma primeira aproximação / IBGE, Coordenação de Geografia. – Rio de Janeiro: 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Brasil em síntese**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/juruti/pesquisa>. Censo 2010. Data de acesso: 31/10/2018.

BAGLI, Priscila. **Rural e Urbano**: Harmonia e Conflito na Cadência da Contradição. In: SPÓSITO, M. E. B; WHITACKER, Artur Magon. (Org.). **Cidade e Campo** - Relações e Contradições entre Urbano e Rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, v. 1, p. 81-109.

BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. **Contribuição ao debate sobre o Urbano e o Rural**. In: Sposito, M. E. B; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 33-52.

BIAZZO, Pedro Paulo. **Campo e Rural, Cidade e Urbano**: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: IV Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa, 2008, São Paulo. Anais do IV Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa. São Paulo: USP, 2008. v. 1. p. 132-150.

BLUME, Roni. **Território e ruralidade**: a desmistificação do fim do rural. 2004. 182. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BOTELHO, J. M. CRUZ, V. A. G. da. **Metodologia Científica**. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

CANTO, Otávio do. **Mineração na Amazônia**: assimetria e conflito socioambiental. - Belém: NUMA/UFPA, 2016.

CARDOSO, J. B. **Hibridismo Cultural na América Latina**. Itinerários, Araquara, n. 27, 2008. 79-90.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; CORRÊA, Walquíria Kruger. **Ruralidades, Urbanidades e a Tecnicização do Rural no contexto do debate cidade-campo**. Campo-Território: revista de geografia agrária, v.3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 30, pp. 05 - 12, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. ed. 4. São Paulo, Ática 2003, 8-94.

CRUZ, Leon Nazaré da. **Características socioeconômicas de comunidades rurais e urbanas situadas na zona de influência da Estrada de Ferro Carajás (EFC)**. / Leon Nazaré da Cruz -- Belém-PA, 2017.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa da. **Metodologia científica – Campina Grande**; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LIMA, E. N. **Novas ruralidades, novas identidades. Onde?** In: MOREIRA, Roberto J. (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 41-65.

MARAFON, Glaucio José. **Territorialidades, ruralidades e as relações campo-cidade**. Campo-território: revista de geografia agrária. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-13, jun., 2014.

MEDEIROS, Glauce margarida da hora. **A Participação do Rural no Funcultura Geral 2013/2014**. 16/12/2016. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste. Universidade de Pernambuco ; Recife 2016.

MARANDOLA JR, Eduardo; ARRUDA, Zuleika A. **Urbanidade e ruralidade no Brasil e as redefinições entre campo e cidade**. Boletim de Geografia , v. 23, p. 21-38, 2005.

MARQUES, M. I. M. O Conceito de espaço rural em questão. Revista Terra Livre. São Paulo: AGB, n.19, 2º sem. 2002, p.95-112.

MARIALVA, D. A. **Novas dinâmicas territoriais na Amazônia: desdobramentos da mineração de bauxita em Juruti (PA)**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, B. C.; PENA, H. W. A.; BARROSO, K. C. **Análise da dinâmica da estrutura produtiva do município de Juruti – Amazônia – Brasil**. Revista acadêmica de economia, 2014, ISSN 1696-8352.

PARÁ. Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). **Estatísticas Municipais Paraenses: Juruti**. / Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação. – Belém, 2016.

ROSA, L. R.; FERREIRA, D. A. de O. **As categorias Rural, Urbano, Campo, Cidade: a perspectiva de um continuum**. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Artur Magon. (Org.). **Cidade e Campo - Relações e Contradições entre Urbano e Rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, v. 1, p. 187-204.

RUA, João. **Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades.** Campo Território Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v.1, n.1, p. 82-106, 2006.

RUA, João. **Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas.** In: MARAFON, G. J. ; RIBEIRO, M. F. (Org.). Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook , 2002. p. 27-42.

SAQUET, M. A. **Por uma abordagem Territorial das Relações Urbano-Rurais no Sudoeste Paranaense.** In: Sposito, M. E. B; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 157-186.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos.** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Edivim Gomes Da. **Território, Mineração e Modos de Vida em Comunidades Rurais em Juruti - (PA).** 19/04/2016. 131 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém-PA. 2016.

SILVA, Charlene M. M. da. **Territorialidades rurais no município de Parintins: habitus, circularidade da cultura e ethos ambiental na localidade do zé açu / Charlene Maria Muniz da Silva.** 2015.

SILVEIRA, D. T. CÓRDOV, F. P. **A Pesquisa Científica.** In: GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa .** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. **O Conceito de Rural.** In: GIARRACCA Norma (Org.). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?.** Buenos Aires: Clacso, enero de 2001. p. 67-80.

SOBARZO, Oscar. **O Urbano e o Rural em Henri Lefebvre.** In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Artur Magon. (Org.). **Cidade e Campo - Relações e Contradições entre Urbano e Rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 53-64.

SPOSITO, M. E. B. **A questão Cidade-Campo: Perspectiva a partir da Cidade** In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Artur Magon. (Org.). **Cidade e Campo - Relações e Contradições entre Urbano e Rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 187-204.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade.** Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, vol. 17, no. 1, 2009, 60-85.

WANDERLEY, M. N. B.; FAVARETO, A. **A singularidade do rural brasileiro:** implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In: Carlos Miranda e Heithel Silva (Orgs). **Concepções da ruralidade contemporânea:** as singularidades brasileiras / -- Brasília: IICA, 2013. (Série Desenvolvimento Rural Sustentável; v.21) p. 413-464.